

Juventude Brasileira
e Democracia:
participação, esferas
e políticas públicas

1

Metodologia



Apresentação

A pesquisa “Juventude Brasileira e Democracia – participação, esferas e políticas públicas” buscou investigar valores da juventude brasileira acerca da participação. Para tanto, foram utilizadas duas abordagens metodológicas: a primeira compreendeu a aplicação de questionários junto a oito mil jovens moradores(as) de sete Regiões Metropolitanas do Brasil (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Belém) e Distrito Federal; a segunda significou a realização de 39 Grupos de Diálogo envolvendo 913 jovens das regiões investigadas.

O relatório final da pesquisa apresenta os dados agregados de ambas fases, buscando revelar potencialidades e interdições à participação percebidas na interação com os(as) jovens.

Dado o ineditismo da aplicação da metodologia dos Grupos de Diálogo no Brasil, bem como a constatação de ter sido uma experiência bem sucedida, mostrou-se relevante a sistematização em separado da aplicação de tal metodologia. O presente relatório busca, portanto, relatar a experiência dos Grupos de Diálogo (GDs) na pesquisa “Juventude Brasileira e Democracia”, enfatizando na análise de suas potencialidades e limites.

É preciso pontuar que todos os Grupos realizados foram conduzidos pelas equipes regionais da pesquisa, cada uma delas vinculada a uma organização que compunha a rede de parceiros. Cada instituição vinculada a essa rede, bem como os(as) supervisores(as), assistentes e bolsistas possuíam diferentes perfis e históricos profissionais, o que tornou essa experiência um verdadeiro exercício de diálogo, não só entre os(as) jovens durante os Dias de Diálogo, mas, sobretudo, na construção de uma metodologia com a cara do Brasil, que respeitasse e valorizasse as diversidades representadas pelas instituições e pessoas presentes na rede. Nesse processo foram elaborados relatórios regionais, nos quais os(as) membros da rede analisaram os dados obtidos nas duas fases da pesquisa, dando ênfases diferenciadas de acordo com o processo vivenciado durante a pesquisa em cada localidade.

Para que o desafio de construção coletiva fosse enfrentado a contento, foram organizados encontros presenciais de toda a rede, além de um Fórum Eletrônico, através do qual todas as equipes e a coordenação puderam manter contato de forma mais permanente.

O texto que se segue foi redigido a partir dos relatórios regionais dos Grupos de Diálogo e faz uma análise da realização dos Diálogos realizados pela pesquisa, levando em conta a complexidade e riqueza das experiências regionais e encarando o processo investigativo também como processo de aprendizado coletivo, em que o diálogo não foi apenas método, mas também se manteve como princípio.

Introdução

A metodologia *ChoiceWork Dialogue* consiste na organização de Grupos de Diálogo, formados por cerca de 40 pessoas cada. Nesses grupos, os(as) participantes são convidados(as) a debater, durante um dia inteiro, ou seja, por cerca de oito horas, uma temática específica. Essa temática é apresentada pelas pessoas responsáveis por conduzir o processo de diálogo – os(as) facilitadores(as) –, com a ajuda de instrumentos metodológicos que têm como função expor o tema através de informações detalhadas e alternativas para se lidar com ele.

O pensamento tradicional sobre a formação da opinião pública considera que informação leva ao julgamento público, deixando de fora um processo de elaboração em que a diversidade de valores e a dificuldade de fazer escolhas têm papel fundamental. Essa metodologia (chamada em inglês de *ChoiceWork Dialogue*) foi criada por Daniel Yankelovich¹ para preencher essa lacuna presente na concepção mais usual de pesquisa envolvendo a formação de opinião pública.

Essa concepção considera que na realidade e, de um modo geral, as pessoas desenvolvem suas opiniões e julgamentos através de um processo coletivo de troca de idéias, e não através de uma avaliação deliberada e individual. Não se trata de um processo simplesmente deliberativo, mas de um percurso em que são envolvidos valores profundos e reações emocionais. As pessoas desenvolvem suas opiniões compartilhando pontos de vista com quem se identificam, sejam amigos(as), familiares, vizinhos(as), colegas de escola e de trabalho ou formadores(as) de opinião. Para Yankelovich, esse fato não pode ser desconsiderado ao se pensar uma forma de perceber a opinião das pessoas e as possibilidades de transformação das mesmas. O método é utilizado sobretudo na investigação de questões polêmicas ou, ainda, na pesquisa de questões já familiares em que uma conjuntura específica cria desafios que precisam ser reconhecidos e debatidos.

Além disso, a metodologia *ChoiceWork Dialogue* considera o processo investigativo também como processo de aprendizado em que os(as) participantes têm oportunidade de acessar informações, fazer conexões entre fatos e circunstâncias, perceber conflitos e se engajar em um processo coletivo em que é possível apreender em que medida mudam as opiniões quando as pessoas têm acesso a informações e dialogam sobre determinado assunto.

Em linhas gerais, a metodologia *ChoiceWork Dialogue* (chamada em português de Diálogo) parte da identificação de uma questão socialmente relevante, com as características

¹ A metodologia dos diálogos desenvolvida por Daniel Yankelovich encontra-se no livro *The Magic of Dialogue* (1999). Mais informações sobre o autor e a instituição Viewpoint Learning podem ser encontradas em <http://www.viewpointlearning.com>.

indicadas anteriormente, e a trabalha a partir de “cenários”². Esses cenários são construídos com base em possibilidades disponíveis na sociedade e, enquanto tais, apresentam-se como alternativas para se tratar ou focar tal questão.

A expectativa é que, após obter informações sobre o tema, serem apresentados cenários possíveis para lidar com ele e de dispor de um dia inteiro com outras pessoas com diferentes visões e papéis sociais, seria possível “medir” a mudança da percepção sobre o assunto. A metodologia permitiria, ainda, apreender os valores acionados por diferentes cidadãos(ãs) ao terem que fazer escolhas que têm implicações (diretas ou indiretas) na sua realidade.

Ela é usada prioritariamente no debate sobre políticas públicas. Na verdade, a metodologia *ChoiceWork Dialogue* tem se mostrado eficaz na averiguação de possibilidades de implementação de políticas polêmicas ou sobre as quais não existe consenso na sociedade. Essa metodologia já foi aplicada para mapear o posicionamento da sociedade em relação a questões tais como: o contrato/pacto social no Canadá; tensões étnico-raciais nos Estados Unidos; os desafios colocados pela imigração nos EUA; biotecnologia e alimentação; além de questões como a saúde pública e os resíduos nucleares no Canadá. Independente do assunto a ser tratado, no entanto, parece ser ponto comum a todos eles a vinculação direta a políticas públicas. Os “cenários”, nesse contexto, expressam alternativas políticas, que se situam entre o conservadorismo e propostas mais progressistas, levando em conta as possibilidades disponíveis na sociedade em que o Diálogo será desenvolvido e da temática em questão.

A realização do Diálogo, independente de se configurar ou não como demanda governamental, tem no poder público um de seus principais interlocutores. Segundo as pesquisadoras das Redes Canadenses de Pesquisa em Políticas Públicas (CPRN), que deram consultoria no método através de *workshops* e participação nos seminários da pesquisa, para aqueles(as) que tomarão parte do processo de Diálogo é importante que a instituição a conduzi-lo esteja suficientemente distante da esfera governamental para possibilitar uma escuta o mais imparcial possível, mas perto o bastante para garantir que o que for dito será “ouvido” pelos(as) “tomadores(as) de decisão”.

Outro aspecto destacado na experiência internacional é o valor atribuído à opinião dos(as) cidadãos(ãs) comuns em assuntos públicos e controvertidos. Ao serem convidadas a participar do Diálogo, as pessoas são alertadas de que o que se espera delas não é a opinião de um especialista. Ao contrário, trata-se de perceber as possibilidades de tratamento de uma dada questão a partir da perspectiva das “pessoas comuns” que normalmente são obrigadas a conviver com escolhas feitas de forma verticalizada.

² Na experiência brasileira de Diálogo chamou-se «cenário» de «caminho participativo».

Momentos-chave e instrumentos de diálogo

O Dia de Diálogo é pensado para possibilitar o conhecimento de valores associados a determinada questão e dar elementos que permitam medir a mudança da opinião dos(as) participantes sobre determinado tema, tendo em vista as informações disponibilizadas, os “cenários” ou alternativas propostas, bem como a interação com as opiniões de outros(as) participantes, de diferentes locais de moradia, classe, faixa etária, sexo etc. Esse Dia de Diálogo comporta ajustes e adaptações (como será visto mais à frente), mas pressupõe alguns momentos fundamentais que estão profundamente articulados aos princípios da metodologia vistos anteriormente. A seguir esses momentos serão apresentados de forma sintética.

A realização de um Dia de Diálogo pressupõe preparação que vai desde a produção do “Caderno de Trabalho” [publicação distribuída aos(às) participantes em que são disponibilizadas informações gerais sobre o tema, sobre a metodologia, além da caracterização de cada um dos cenários ou alternativas dadas para a questão], até a escolha e o convite às pessoas que irão participar, passando pela organização da infra-estrutura que irá permitir a aplicação da metodologia (definição do espaço, material para as dinâmicas, refeições para participantes e equipes, compensação para as pessoas participarem etc.).

O Dia de Diálogo é organizado através de dinâmicas e interações em pequenos grupos (até dez pessoas) e em sessões plenárias. Cada um desses momentos é pensado para que os(as) participantes dialoguem sobre a questão em pauta de forma intensa, sendo convidados(as) a se posicionar frente às alternativas propostas. Durante esses momentos são apresentadas informações e cenários elaborados, é feito trabalho em grupo em torno das preferências pessoais e coletivas sobre as alternativas apresentadas, bem como sobre as conseqüências que resultam de tais escolhas.

No desenvolvimento das etapas que compreendem um Dia de Diálogo, a(s) pessoa(s) responsável(eis) pela condução, chamadas de facilitadores(as), desempenham papel fundamental. Por isso, para cada pesquisa que lance mão dessa metodologia é necessária a criação de um “Guia do(a) Facilitador(a)”. Nele, são descritas passo a passo, e de forma bastante detalhada (incluindo tempo previsto para as dinâmicas, materiais a serem utilizados etc.), todas as etapas que devem ser percorridas ao longo do Dia de Diálogo, ressaltando sua importância e chamando a atenção para problemas que possam ocorrer. Além do papel do(a) facilitador(a), que usualmente é desempenhado por duas pessoas, é necessária uma equipe de apoio, ou seja, auxiliares capazes de cuidar da infra-estrutura, se responsabilizando pela parte mais formal, como preenchimento da lista de presença ou cadastro e monitoramento das refeições. Toda a preparação do espaço onde o Diálogo acontece é feita com antecedência, preferencialmente no dia anterior à atividade. Essa preparação inclui a arrumação do local, preparação dos materiais a serem usados e teste dos equipamentos, como projetor, multimídia e gravador de áudio e/ou vídeo.

Ao longo do processo de construção da pesquisa, é preciso que se dê especial atenção para a capacitação da equipe, sobretudo das pessoas responsáveis pela facilitação do Dia de Diálogo. É importante garantir que a equipe diretamente envolvida esteja familiarizada com o tema e os instrumentos de pesquisa que serão utilizados nos Grupos de Diálogo. Nesse sentido, é fundamental a garantia da realização de ao menos um “Grupo de Diálogo piloto” para testar os instrumentos e para se praticar a facilitação das atividades e dinâmicas a serem desenvolvidas no Dia de Diálogo. Além disso, outros momentos de formação, como a leitura conjunta do material e a realização de *workshops* e seminários de capacitação, podem contribuir para o bom desenvolvimento do Diálogo

1º) Participantes recebem e lêem o Caderno de Trabalho à medida em que chegam no local do Diálogo.

Logo ao chegar, antes mesmo do início de qualquer atividade, os(as) participantes do Diálogo são recebidos pela equipe e, após fazerem o cadastro, são convidados(as) a folhear e ler o Caderno de Trabalho. Esse momento inicial ajuda a que se familiarizem com a temática.

2º) Orientações iniciais dadas pelos(as) facilitadores(as) (incluindo o propósito do Diálogo, o uso que será feito dos resultados, regras/compromissos para o Dia de Diálogo, informações sobre o tema a ser tratado).

Logo no início dos trabalhos propriamente ditos, o(a) facilitador(a) responsável pela condução do processo apresenta o contexto em que o Diálogo se situa, seus objetivos e procedimentos. Esclarece, ainda, sobre a conexão entre o Diálogo e os resultados, a serem entregues a instâncias do poder público, bem como sobre o perfil das entidades que o promovem. É importante que os(as) participantes percebam o propósito e a legitimidade do que lhes está sendo proposto, bem como a idoneidade ética do processo e dos(as) que o conduzem.

Nos instrumentos utilizados e desde o início do Diálogo, os(as) participantes são esclarecidos sobre o conceito de Diálogo tendo como parâmetro seu “oposto” que, no caso brasileiro, foi traduzido como *disputa*³. Trata-se de estratégia para tornar claro o que significa

³ Foi difícil encontrar um termo capaz de traduzir essa discussão que se costuma ter informalmente e na qual, muitas vezes, se insiste nos próprios pontos de vista, tornando-se cegos/surdos para elementos interessantes trazidos por aqueles(as) com quem se trava a discussão. Muitos termos foram pensados antes de se optar por “disputa”. Cogitou-se “discussão” e, até mesmo, “debate”. O que se percebeu, no entanto, foi que qualquer um deles pode ser apreendido com conotação negativa, uma vez que o “diálogo” é que está sendo valorizado positivamente, apesar de se reconhecer que a discussão, o debate e a disputa possuem um papel importante em qualquer sistema democrático. Chegou-se a um impasse e se pensou, inclusive, em abrir mão dessa estratégia metodológica. A opção pela manutenção da mesma se deu graças à facilidade com que alguns(mas) jovens, para os(as) quais o material foi mostrado antes do início dos Grupos de Diálogo, tiveram em apreender o sentido do Diálogo a partir de tal contraposição. A oposição entre “diálogo” e “disputa” foi adotada, sabendo que, em próximos Diálogos, seria interessante voltar a esta questão, buscando outras formas, ou novos termos, para que se faça entender sem correr o risco de colocar como negativo termos que denotam processos muito caros à democracia.

dialogar em oposição às discussões em que se busca a defesa intransigente de idéias. Isso não significa que não aconteçam disputas e debates ou longo do Dia de Diálogo, mas apenas que uma das ênfases da metodologia adotada é na escuta do outro para que se possa formar sua própria opinião. Apresentou-se, portanto, quadro semelhante ao que se segue:

Disputa	Diálogo
Parte da certeza de que existe apenas uma resposta correta e de que você tem essa resposta!	Parte da certeza de que outras pessoas têm partes da resposta.
É combativo. Tenta provar que o lado está errado.	É colaborativo. Tenta chegar ao entendimento.
Procura ganhar.	Procura encontrar pontos em comum.
Ouve a outra pessoa para achar falhas no que ela defende.	Ouve a outra pessoa para entender o que ela defende.
Defende seu ponto de vista.	Traz o seu ponto de vista para ser discutido com o grupo.
Critica o outro ponto de vista.	Avalia todos os pontos de vista.
Defende um ponto de vista contra os outros.	Admite que as outras maneiras de pensar podem enriquecer o seu ponto de vista.
Procura encontrar as fraquezas na outra posição.	Procura os pontos fortes na outra posição.
Tenta encontrar o resultado que esteja de acordo com a sua posição.	Tenta descobrir novas possibilidades e formas de pensar.

A partir dessa contraposição, são apresentados também os compromissos que norteiam o Dia de Diálogo, tanto nos subgrupos de trabalho, quanto nas sessões plenárias. Esses compromissos, listados a seguir, valorizam, uma vez mais, um processo de escuta e respeito entre participantes.

Compromissos
O objetivo do diálogo é entender as outras pessoas e aprender com elas. Você não pode “ganhar” um diálogo.
Todas as pessoas falam por si, e não como representantes de interesses específicos.
Tratar todas as pessoas igualmente: esqueça rótulos ou preconceitos.
Estar disposto a ouvir outras opiniões, mesmo quando não concorda com elas, e não julgar o que foi dito.
Procurar, em você e nas outras pessoas, opiniões e atitudes que possam ser mudadas.
Procurar pontos em comum.
Expressar suas discordâncias sem brigas ou ofensas.
Manter diálogo e tomada de decisão como atividades separadas. O diálogo deve sempre vir antes de uma decisão.
Todos os pontos de vista merecem respeito e serão registrados sem discriminação.

É ainda nesse primeiro momento que o(a) facilitador(a), tendo como referência o Caderno de Trabalho e material visual (cartazes, *PowerPoints* etc.) irá apresentar as informações gerais sobre o tema que será objeto de diálogo. Esse é o momento para que todos(as) os(as) envolvidos(as) recebam informações que serão a base comum para o diálogo.

3º) Introdução aos cenários.

A figura do(a) facilitador(a) é, mais uma vez, central. É através dele(a) e das informações disponíveis no Caderno de Trabalho que os(as) participantes terão acesso às alternativas que serão a base do diálogo. Os “cenários” são apresentados pelo(a) facilitador(a) sem juízo de valor, ou seja, como alternativas viáveis e possíveis para a questão em foco [ainda que a pessoa que está no papel de facilitador(a) não concorde pessoalmente com algum deles]. Todos os cenários são criados de forma que um não seja mais atraente que o outro. Todos são formados por uma introdução geral, contendo dados estatísticos, jornalísticos etc. sobre a proposta em questão, suas implicações, além de apresentar os prós e contras envolvidos nessa escolha. Todos esses itens são dosados igualmente para que não haja “concorrência desleal” entre eles. O(a) facilitador(a) ressalta que aqueles cenários são apenas o ponto de partida e que, ao final do Dia de Diálogo, os(as) participantes poderão escolher um deles, combiná-los ou, ainda, criar um cenário totalmente novo.

4º) Preenchimento da ficha Pré-Diálogo para medir a opinião inicial dos(as) participantes.

Após essa apresentação geral do tema e dos “cenários” possíveis, os(as) participantes recebem uma folha com uma breve descrição de cada um dos “cenários”, devendo pontuar seu grau de adesão a partir de uma escala de valores que varia de um a sete. Nesse momento eles(as) estarão dando sua opinião inicial quanto a cada um deles. As fichas distribuídas possuem um código, que se repetirá na ficha Pós-Diálogo. Dessa forma, é possível comparar as fichas Pré e Pós-Diálogo, sem identificar nominalmente os(as) participantes, medindo as mudanças ocorridas após um Dia de Diálogo.

5º) Comentários iniciais de cada participante para identificar principais preocupações quanto ao tema tratado.

Após o preenchimento da ficha Pré-Diálogo, os(as) participantes são convidados(as) a se apresentarem, dizendo, em seguida, a(s) principal(ais) preocupações quanto ao tema em questão. É importante esclarecer que todo o Dia de Diálogo é registrado, seja em áudio, ou em vídeo, o que permite a análise das falas dos(as) participantes, sobretudo nos momentos aqui destacados.

6º) Diálogo entre os(as) participantes (em grupos menores e em sessão plenária).

Na parte da manhã, os(as) participantes são divididos em pequenos grupos (que podem ser auto-facilitados ou não) e neles trabalham a partir de uma pergunta geral que é respondida a partir das alternativas apontadas nos cenários. Eles(as) são convidados a voltar mais uma vez ao Caderno de Trabalho e, com seus(suas) companheiros(as) de grupo, optar por um dos “cenários”, criar um a partir dos elementos disponíveis nos “cenários” apresentados ou outro totalmente novo. O “cenário-síntese” de cada grupo é apresentado em plenária e o(a) facilitador(a) conduz, em seguida, um diálogo encontrando semelhanças e diferenças entre os cenários apresentados pelos grupos. Ao final da dinâmica, ter-se-á um cenário de todo o Grupo de Diálogo.

7º) Segundo momento de diálogo entre os(as) participantes, mais intenso (novamente em grupos menores e em plenária), trabalhando sobre escolhas concretas e do que abririam mão para realizar sua escolha.

Após o almoço, os(as) participantes voltam aos pequenos grupos, dessa vez para identificar ações concretas a serem tomadas para se chegar ao “cenário” final acordado no período da manhã. Após a apresentação do resultado dos grupos em plenária, o(a) facilitador(a) problematiza as escolhas feitas, buscando entender do que esses(as) cidadãos(ãs) estariam dispostos(as) a abrir mão para que o “cenário” escolhido se tornasse realidade. Isso porque um dos pressupostos da metodologia diz respeito às conseqüências e responsabilidades envolvidas em cada escolha.

8º) Preenchimento da ficha Pós-Diálogo para medir como as opiniões mudaram ao longo do Dia de Diálogo (e o porquê da mudança).

Após o Dia de Diálogo, uma folha semelhante àquela distribuída pela manhã, com as mesmas perguntas e as mesmas alternativas de adesão aos caminhos, é preenchida pelos(as) participantes. Dessa vez, no entanto, a pessoa pode escrever sob que condição se daria sua adesão a determinado cenário. Desse modo, no momento de analisar essas folhas Pré e Pós-Diálogo, é possível perceber tendências de adesão ou rejeição a cada uma das alternativas apresentadas, e em que condições esse grau de adesão ou rejeição aumentaria.

9º) Comentários finais de cada participante sobre o Dia de Diálogo e mensagem para os(as) políticos(as) e governantes (“tomadores de decisão”).

Antes do término do Dia de Diálogo, os(as) participantes são convidados(as) a se pronunciar individualmente, avaliando a experiência do Diálogo, e a deixar uma mensagem àqueles(as) que resolvem/tomam decisões a respeito do tema tratado.

Diálogos no Brasil

A criação de um Diálogo adequado à realidade brasileira, capaz de lidar com as especificidades da pesquisa, colocou para as instituições e pesquisadores(as) envolvidos diversos desafios. O primeiro resulta do ineditismo da metodologia a ser utilizada. Houve resistências à utilização de um método que aliava princípios de pesquisa acadêmica e de educação popular, sem se confundir com nenhuma delas. Foi necessário encontrar coletivamente um denominador comum a partir do qual fosse possível construir uma proposta metodológica pautada pelos pressupostos teóricos e práticos inerentes ao Diálogo, levando em conta as experiências internacionais, mas não se subordinando a elas. O segundo desafio enfrentado foi vencer a resistência e se apropriar de metodologia singular, muitas vezes confundida com os já conhecidos e experimentados Grupos Focais, para que fosse possível construir conjuntamente uma alternativa adequada para um *Diálogo do Brasil*.

Outro importante desafio com o qual se deparou foi o tema da pesquisa em questão. Se, como visto anteriormente, as experiências internacionais estavam bastante articuladas ao debate de políticas públicas *strictu sensu*, a temática da participação possui um grau de abrangência e abstração que dificulta essa relação imediata. Ainda que a temática da participação social e política de jovens na democracia brasileira seja um tema que muito diz respeito à formulação e execução de políticas públicas, nossa intenção desde o princípio era perceber de que forma a juventude brasileira, considerada em toda sua diversidade e complexidade, estaria disposta a ocupar a esfera pública democrática, pensada também de forma ampliada e complexa. Ou seja, não se tratava apenas de apresentar, por exemplo, opções claras de participação em instâncias como os conselhos ou por meio do voto, mas de construir cenários, que levassem em conta dados presentes em pesquisas sobre o tema, (inclusive a da primeira etapa da presente investigação), que vêm revelando a maior disponibilidade de jovens para envolvimento em atividades e grupos que não se circunscrevem à esfera política tradicional (partidos, sindicatos, conselhos, associações etc.), mas à religiosidade, à cultura, ao lazer, ao voluntariado etc.

Num momento em que, no Brasil, a juventude deixa, lentamente, de ser considerada como problema social para ser vista como sujeito de políticas públicas, faz-se urgente entender de que formas os(as) “jovens comuns”, aqueles(as) que não se encontram vinculados(as) a grupos ou institucionalidades, estariam dispostos(as) a participar da vida democrática do país. Melhor ainda se, nesse processo investigativo, fosse possível engajar esses(as) jovens em um exercício que fortalecesse os princípios democráticos investigados, propiciando uma aprendizagem compartilhada e reflexiva de jovens participantes e pesquisadores(as). Nesse sentido, a

metodologia do Diálogo constitui uma possibilidade para investigar a questão da participação a partir de um processo também de cunho educativo.

Inicialmente, no entanto, foi necessário entender de que maneira seria possível “traduzir” o debate sobre participação para os(as) jovens de uma maneira geral. Para isso, foi feito o exercício de “delimitar a questão”, buscando perceber as alternativas de participação que faziam sentido para os(as) jovens do Brasil. Foram utilizados dados da primeira etapa (quantitativa), mapeados estudos que englobavam o tema, além de realizado um grupo focal com alguns(mas) jovens para entender de que modo seria possível aproximar a questão da realidade daqueles(as) que se buscava pesquisar. Depois de muitos debates entre toda a equipe da pesquisa – inclusive as equipes regionais – e diversas versões de “cenários” de participação, optou-se por três alternativas com diferentes ênfases e que poderiam fazer sentido para os(as) jovens brasileiros(as). Foram apresentados, então, três “cenários” que, no processo de adaptação da metodologia dos Grupos de Diálogo para a realidade brasileira, foram denominados “Caminhos Participativos”.

O primeiro valorizava a participação da juventude em organizações estudantis, partidos políticos, sindicatos, ONGs, conselhos, ou seja, revelava a organização dos(as) jovens em grupos ligados a alguma institucionalidade (essa proposta foi denominada “Eu me engajo e tenho uma bandeira de luta”). O segundo deles apresentava o voluntariado como alternativa de participação, valorizando a ação direta e individual dos(as) jovens como maneira de mudar a realidade a sua volta [“Eu sou voluntário(a) e faço a diferença”]. E o terceiro caminho se apresentou como “participação cultural”, estando ligado à formação autônoma de grupos por jovens organizados(as) a partir da cultura, da comunicação ou da religião (“Eu e meu grupo: nós damos o recado”). Como dito anteriormente, buscou-se trabalhar com concepções de participação em disputa na sociedade, dando ênfase a valores específicos em cada uma delas, como a participação institucional, a ação individual e direta e a ação coletiva e cultural.

Os “Caminhos” apresentados são, portanto, tipos ideais de engajamento que enfatizam e exacerbam diferentes práticas sociais. Trata-se, no entanto, de recurso metodológico para colocar o tema da participação em diálogo entre os(as) jovens. Ou seja, reconhece-se que as formas de engajamento indicadas são, na realidade, mais complexas e híbridas. No entanto, o que se buscou foi a formulação de possibilidades não-excludentes entre si, mas que revelassem tensões que permitissem aos(às) jovens dialogar, problematizando escolhas e reconhecendo oportunidades e limites existentes em cada um deles.

É preciso explicitar a forma de exposição de tais Caminhos Participativos. Cada um deles foi apresentado a partir de elementos comuns: um título que buscava incorporar um possível posicionamento do(a) jovem; um trecho de uma letra de música popular entre a juventude de uma forma geral; um parágrafo inicial que foi usado também no CD-ROM para resumir as principais idéias dos Caminhos; exemplos reais de inserção em determinado Caminho (Saiba Mais); fatos

que poderiam acontecer caso tal Caminho fosse escolhido; argumentos a favor e contra cada um deles; além de fotos ilustrando exemplos.

Buscou-se equilibrar argumentos, quantidade de texto escrito, bem como imagens atraentes para cada um deles, de forma que a qualidade e a quantidade dos textos e das imagens não pesassem na escolha por um ou de outro Caminho. Ou seja, buscou-se equilibrá-los para que o determinante no momento das escolhas fossem os argumentos, e não a forma ou a quantidade do conteúdo. Observou-se, no entanto, que, de maneira geral, os argumentos mais acionados na reflexão dos(as) jovens sobre os Caminhos foram os disponíveis no parágrafo inicial de apresentação de cada um, e os elementos A Favor e Contra, que eram também retomados pelos(as) facilitadores(as) no momento da problematização das escolhas realizadas.

A seguir estão os parágrafos iniciais dos Caminhos, bem como os elementos apresentados aos(às) jovens como Contra e A Favor:

(A) Caminho 1: “Eu me engajo e tenho um bandeira de luta”

Resumo:

A participação política da juventude ocorre por meios que vão além do voto. Uma das formas de engajamento é a atuação firme e direta em instituições: partidos políticos, representações estudantis, sindicatos, conselhos de direito, gestores ou escolares, ONGs, movimentos sociais, que organizam a sociedade, controlam a atuação dos governos e contribuem para a ampliação de direitos de cidadania no país. A participação política é um exercício que prepara as gerações mais jovens, colaborando para que o Brasil diminua as desigualdades sociais e amplie as possibilidades de acesso à educação, ao trabalho, ao lazer e à cultura.

A Favor:

- participar das instituições políticas aumenta a consciência e diminui a chance de manipulação por parte dos(as) políticos(as) oportunistas e governos clientelistas;
- considerando o reconhecimento das instituições que, historicamente, são responsáveis pela organização política do país, a participação engajada nesses espaços é uma forma de conquistar educação, trabalho e cultura na nossa realidade;
- é a forma de participação que influencia mais diretamente os processos de definição política e de garantia de recursos públicos para projetos que possam beneficiar os interesses juvenis.

Contra:

- reforçar um sistema político viciado, que reproduz a corrupção, o “jeitinho brasileiro”, o “você sabe com quem está falando?” – no qual só um pequeno grupo é beneficiado, aumentando as desigualdades;
- tornar-se invisível dentro das instituições políticas, como os partidos, e ficar sem espaço para desenvolver seus talentos individuais;
- ocupar cargos públicos em instituições controladas pelo chamado “mundo adulto”, correndo o risco de ser manipulado(a) por pessoas com mais experiência e poder de decisão política.

(B) Caminho 2: “Eu sou voluntário(a) e faço a diferença”

Resumo:

Jovens envolvidos(as) em trabalhos voluntários ajudam a diminuir os problemas sociais. Eles(as) realizam diferentes atividades, tais como reflorestamento de áreas desmatadas, manutenção de escolas, alfabetização de crianças, jovens e adultos(as), recreação com crianças pobres ou hospitalizadas, campanhas de doação de alimentos e diversas outras ações desse tipo. Para ser voluntário(a) não é necessário se vincular a um grupo ou organização, o importante é estar disposto(a) a fazer a sua parte para realizar as mudanças de que nosso país precisa.

A Favor:

- os(as) jovens voluntários(as) envolvidos(as) em ações sociais estão também se capacitando pessoal e profissionalmente para o futuro;
- o voluntariado representa um significativo reforço no combate a graves problemas sociais gerados pela falta de verba e de empenho das autoridades em buscar soluções;
- a participação individual e voluntária pode ajudar a combater as desigualdades sociais.

Contra:

- o voluntariado supervaloriza a ação individual, que produz resultados muito localizados e pouco efetivos na resolução dos problemas sociais;
- há riscos de os(as) voluntários(as) assumirem responsabilidades na execução de políticas e serviços que são atribuições dos poderes públicos (prefeituras, governos estaduais e federal). Isso faz com que os governantes se descomprometam cada vez mais de suas responsabilidades;
- as políticas sociais que se estruturam com base em ações voluntárias correm o risco de ser frágeis por não contarem com indivíduos devidamente capacitados para trabalhar em determinadas áreas, como saúde e educação.

(C) Caminho 3: “Eu e meu grupo: nós damos o recado”

Resumo:

Neste caminho, os(as) jovens praticam e fortalecem o direito da livre organização. Eles(as) formam grupos culturais (esportivos, artísticos, musicais etc.), religiosos, de comunicação (jornal, página na internet, fanzine etc.). Praticando a cultura do encontro, os(as) jovens rompem com o isolamento e compartilham idéias com outros(as) jovens. Isso, por si só, já contribui para a construção de uma sociedade menos desigual. Além disso, a partir de um grupo é possível desenvolver diversas atividades que podem interferir de diferentes maneiras na realidade do país.

A Favor:

- participando de grupos, os(as) jovens conhecem outras pessoas, deixam de lado o sentimento de solidão que muitas vezes caracteriza o período da juventude. Passam a ter com quem conversar e compartilhar necessidades, interesses e ideais em comum;
- os(as) jovens reunidos(as) em grupos afirmam sua capacidade para a auto-organização e expressão de suas idéias e vontades. Com isso, aprendem a viver em sociedade e a lidar com as diferenças, tornam-se mais cooperativos(as) e passam a lidar melhor com os conflitos;
- os(as) jovens exercitam o direito de se organizarem, criando práticas e valores que não precisam estar subordinadas às vontades de uma instituição ou pessoa mais velha. Dessa forma, aprendem a ser responsáveis por si mesmos(as) e por seus(suas) companheiros(as) de grupo.

Contra:

- ao fazer parte de um grupo, o(a) jovem pode estar abrindo mão de um tempo valioso de seu dia-a-dia em que poderia estar se ocupando com seu desenvolvimento individual (por exemplo, estudando mais ou se preparando para sua entrada e permanência no mercado de trabalho);
- o poder público não costuma reconhecer os(as) jovens participantes de grupos informais como representantes em órgãos (tais como secretarias de governo, conselhos e fóruns) que definem políticas públicas e a garantia de direitos;
- jovens que apenas participam de grupos não têm uma visão abrangente em relação às mudanças de que a sociedade brasileira necessita. Alguns grupos se fecham tanto em si mesmos que as pessoas que deles participam se tornam preconceituosas e antidemocráticas, ou seja, incapazes de se relacionar com quem tem idéias, gostos e vontades diferentes das suas e do seu grupo.

Verificou-se, no entanto, que essa abordagem não seria suficiente para sensibilizar os(as) jovens e motivá-los(as) para o diálogo, uma vez que, se a proposta era que pensassem sobre as formas de participação na vida democrática, não bastava traduzir os sentidos atribuídos a cada uma dessas atitudes participantes. Era preciso, também, delinear as possibilidades de transformação da realidade da juventude brasileira, tendo em mente que, quem participa, participa por algum motivo. Pensou-se, então, que seria melhor pedir para que eles(as) primeiro mapeassem questões que gostariam de ver transformadas, para que só depois pensassem em como gostariam de participar para que essas transformações se tornassem reais. Optou-se, então, pela divisão do Dia de Diálogo brasileiro em duas partes.

Na primeira, os(as) participantes eram convidados(as) a pensar o que gostariam de mudar em áreas de políticas públicas bem próximas de seu cotidiano: educação, trabalho e cultura/lazer. Após identificados, a partir da discussão em pequenos grupos, os aspectos que desejavam mudar em cada um desses temas, o resultado era apresentado em sessão plenária. Então eram destacadas e verificadas as semelhanças e as diferenças entre as conclusões apresentadas pelos diversos subgrupos, seguindo o roteiro do Dia de Diálogo. Com a ajuda do(a) facilitador(a), o grupo como um todo chegaria a um “cardápio” comum, resultado do diálogo a partir das diferenças e semelhanças, ou seja, no final da manhã teriam listado o que gostariam de mudar nas questões da educação e do trabalho e quanto à cultura e ao lazer.

Na parte da tarde, tendo como base essa lista das mudanças desejadas, os(as) jovens dialogavam sobre como estariam dispostos(as) a participar para que tais mudanças se tornassem realidade. Assim, foi possível conectar o debate sobre participação ao cotidiano dos(as) jovens. Nesse momento, o Caderno de Trabalho, com a apresentação dos “cenários”, foi instrumento para o diálogo em pequenos grupos. Cada um desses grupos, como na parte da manhã, deveria, a partir do diálogo, apontar sua alternativa de participação e apresentá-la em plenária. Novamente, todos(as) dialogavam em busca de semelhanças e diferenças. E, após listadas semelhanças entre os “cenários” criados, formando um “cenário” de todo o grupo, o(a) facilitador(a) encaminhava o diálogo sobre as conseqüências decorrentes das escolhas de determinado “cenário.” Esse momento abria possibilidade para se repensar as escolhas e se definir de que estariam dispostos(as) a abrir mão para que suas escolhas se realizassem.

No Brasil, considerando que esta pesquisa teve como público-alvo jovens de diversas classes sociais e níveis de escolaridade, foi necessário a utilização dos(as) “jovens bolsistas”. Eram pessoas, em sua maioria universitários(as), que tinham a função de ficar nos pequenos grupos (tanto na parte da manhã, quanto na parte da tarde) apenas registrando o processo de interação dos(as) jovens⁴.

⁴ Toda parte das sessões plenárias do Dia de Diálogo deve ser registrada em áudio ou vídeo para facilitar a análise dos dados gerados nesse processo. No caso dos pequenos grupos, há diálogos em que o registro fica sendo apenas o resultado do trabalho desenvolvido pelos grupos. No caso desta pesquisa, optou-se pelo registro mais detalhado dessa etapa através da presença de bolsistas com a função de registrar falas e “não-ditos” durante o trabalho nos grupos.

A seguir, apresenta-se em linhas gerais o Dia de Diálogo da pesquisa “Juventude Brasileira e Democracia”:

Dia de Diálogo da pesquisa Juventude Brasileira e Democracia*

- 1) Chegada dos(as) participantes + acolhimento + café da manhã + distribuição do “Caderno de Trabalho”
- 2) Boas vindas e comentários iniciais
- 3) Dinâmica de integração
- 4) Apresentação dos(as) jovens + “O que mais te preocupa no Brasil?”
- 5) Apresentação do CD-ROM
- 6) Ficha Pré-Diálogo (Opinião Inicial)
- 7) Questão da manhã: “Pensando na vida que você leva como jovem brasileiro(a), o que pode melhorar na educação, no trabalho e nas atividades de cultura e lazer?”
- 8) Trabalho em pequenos grupos
- 9) Apresentação dos resultados do trabalho em grupos
- 10) Plenária da manhã + Semelhanças/Diferenças
- 11) Almoço
- 12) Dinâmica
- 13) Questão da tarde: “Pensando no que vocês listaram pela manhã que deve melhorar na educação, no trabalho e na cultura no Brasil, como vocês estão dispostos(as) a participar para que essas melhorias se tornem realidade?”
- 14) Trabalho em pequenos grupos
- 15) Apresentação dos resultados do trabalho em grupos
- 16) Plenária da tarde + Semelhanças/Diferenças
- 17) Ficha Pós-Diálogo (Opinião Final)
- 18) Comentários finais dos(as) participantes + recado para quem toma decisões
- 19) Lanche + entrega da ajuda de custo

* Nosso Dia de Diálogo durou, aproximadamente, nove horas.

Convocação e infra-estrutura

No caso da presente pesquisa, que teve como sujeitos os(as) jovens, foi necessário um intenso processo de mobilização e convencimento para que eles(as) participassem do Dia de Diálogo. Como dito anteriormente, tais jovens já haviam participado da primeira fase da pesquisa e respondido positivamente a pergunta 46 do questionário então utilizado [“Você teria interesse e

disponibilidade para participar de encontro com jovens para discutir temas relativos aos(às) jovens brasileiros(as)?”], dando em seguida dados que possibilitassem contato futuro (endereço, telefone fixo e celular). Com base nessas informações, foi feito um cadastro, disponibilizado para as equipes de pesquisa das Regiões Metropolitanas e Distrito Federal. Foram elas as responsáveis pela convocação dos(as) participantes e pela condução dos Dias de Diálogo. Na convocação, buscou-se preservar a proporção de jovens por sexo, classe de renda e idade, conforme os dados da primeira fase da pesquisa.

Foi, então, elaborada uma carta-convite padrão, a ser enviada para o endereço do(a) jovem. A idéia inicial era que o telefonema sucedesse o envio da carta. No entanto, o alto percentual de endereços equivocados fez com que a maior parte das equipes regionais tivesse que entrar em contato por telefone com os(as) jovens antes do envio da carta, de modo a confirmar o endereço. Tal procedimento acabou sendo importante no processo de mobilização, apesar de demandar mais tempo e trabalho do que o inicialmente previsto.

O processo de mobilização acabou sendo, na maior parte dos casos, feito através de telefonema prévio para o(a) jovem, por meio do envio da carta, e novamente um contato telefônico para a confirmação da sua participação.

No que se refere à infra-estrutura, as equipes regionais ficaram responsáveis por encontrar um lugar acessível para a maior parte dos(as) jovens, inclusive aqueles(as) vindos(as) dos municípios mais distantes. O local também deveria ser adequado à realização do Diálogo, ou seja, uma sala ampla ou auditório com cadeiras móveis onde as sessões plenárias pudessem se realizar, além de outras salas ou espaços menores para os pequenos grupos de trabalho. O espaço deveria, ainda, comportar a infra-estrutura de gravação de áudio e exibição de multimídia e ter espaço para se preparar e fazer as refeições (café da manhã, almoço e lanche da tarde).

Cada uma das equipes regionais teve total liberdade para escolher o espaço que julgasse melhor, tendo em vista as possibilidades disponíveis em cada uma das regiões e instituições. Sendo assim, os Diálogos foram realizados em hotéis, escolas, clubes ou nas próprias instituições (ONGs e universidades).

Seguindo as instruções do “Guia do(a) Facilitador(a)”, a equipe foi ao local no dia anterior ao Diálogo para antecipar a preparação e evitar surpresas desagradáveis. Nessa preparação, os *banners* eram pendurados, a estrutura de multimídia preparada, os cartazes colocados e cadeiras arrumadas.

Todos os Grupos de Diálogos da pesquisa “Juventude Brasileira e Democracia” foram realizados no final de semana, por se julgar ser mais fácil para mobilizar os(as) jovens, já que boa parte estuda e/ou trabalha durante a semana. A proposta inicial era realizar os Diálogos no sábado, no entanto, após a realização de um Grupo de Diálogo piloto no Rio de Janeiro, que contou com baixíssima participação, foi sugerido que os Diálogos passassem para o domingo, uma vez que muitos(as) jovens disseram não vir ao piloto por terem trabalho e cursos aos sábados. No entanto,

o domingo também se mostrou um dia difícil em algumas regiões. Nesse dia, muitos(as) jovens têm compromissos religiosos. Soma-se a isso o fato de o sistema de transporte público, em geral, ficar ainda mais precário, com menos linhas de ônibus em funcionamento e em horários mais esparsos. Finalmente, a maior parte dos Grupos de Diálogos foi realizada nos sábados com algumas poucas exceções.

A variação na frequência dos(as) jovens em cada uma das regiões pesquisadas pode ser explicada por vários motivos, que vão desde as dificuldades encontradas no processo de mobilização até problemas circunstanciais como chuvas fortes, passando por questões locais como distâncias maiores e meios de transporte menos eficientes em determinadas regiões [em dois casos – Distrito Federal e Belém – as equipes regionais contrataram serviço de transporte para buscar os(as) jovens, a fim de garantir o *quorum* mínimo para a realização do Diálogo, ou seja, 15 participantes. Nessas duas regiões, um dos diálogos não aconteceu. No Distrito Federal foi possível realizar novamente o diálogo cancelado, mas não em Belém, que tinha o menor cadastro de jovens para convocação].

A experiência demonstrou que, em Diálogos futuros, é preciso haver um tempo maior para a convocação, bem como o melhor dimensionamento da demanda de trabalho e tempo com a infra-estrutura. Os relatos das equipes regionais permitem afirmar que a sobrecarga de trabalho com essa etapa de mobilização e preparação ocupa um tempo precioso em que a equipe poderia experimentar e estudar mais profundamente a metodologia em si, o que ajuda a antecipar problemas que podem ocorrer durante sua aplicação, bem como a dar maior segurança a todos(as) aqueles(as) que estarão à frente do Diálogo.

Instrumentos utilizados no diálogo brasileiro

A seguir estão listados e descritos criticamente os instrumentos utilizados pelo Diálogo da pesquisa “Juventude Brasileira e Democracia”.

Guia do(a) Facilitador(a)

Nele, foram descritas passo a passo, e de forma bastante detalhada (incluindo tempo previsto para as dinâmicas, materiais a serem utilizados etc.), todas as etapas que devem ser percorridas ao longo do Dia de Diálogo, ressaltando sua importância e chamando a atenção para problemas que possam ocorrer. De acordo com essa experiência, o Guia mostrou-se extremamente útil, tanto para uniformizar o trabalho e unificar as orientações dadas para os(as) facilitadores(as), quanto para passar maior segurança nas tarefas a serem realizadas – ainda inéditas para toda a equipe. A equipe de Brasília, por exemplo, se referiu ao Guia como uma “referência de análise para a metodologia” que permitiu seguir no Dia de Diálogo um

caminho sinalizado. O Guia apresentou, no entanto, segundo algumas equipes regionais, pouca precisão quanto a algumas dinâmicas importantes, como encontrar semelhanças e diferenças durante as plenárias ou problematizar as escolhas feitas pelos(as) jovens. Sobre esse aspecto, é preciso ter em mente que a metodologia era inédita para todos o que a descrição precisa de alguns processos.

As principais interferências regionais na metodologia global foram quanto ao tempo de cada uma das atividades, que pôde ser flexibilizado de acordo com o número de participantes presentes, que variou entre nove e 37, sendo menor do que o inicialmente esperado (40). Um dos pontos críticos apontados por parte das equipes regionais foi o fato de haver pouco tempo para muitas atividades, principalmente tendo em vista o fato de a maioria dos(as) jovens envolvidos(as) nunca terem executado atividade semelhante, o que acarretou dificuldade de entendimento das tarefas a serem realizadas e demandou dos(as) facilitadores(as) um esforço de esclarecimento sobre as informações a serem passadas, principalmente sobre participação.

Algumas adaptações foram feitas no Guia após a realização de um grupo piloto, conduzido pela equipe técnica central no Rio de Janeiro, e após a realização dos dois primeiros Grupos de Diálogos regionais (Recife e Rio de Janeiro). A primeira diz respeito ao papel dos(as) jovens bolsistas, que inicialmente seriam apenas observadores(as) e, posteriormente, foram orientados(as) a terem um papel mais ativo, como facilitadores(as) nos subgrupos de trabalho, esclarecendo as tarefas a serem desenvolvidas e, sobretudo, auxiliando na leitura do Caderno de Trabalho. A segunda significou a reexibição da parte relativa aos Caminhos Participativos do CD-ROM no início da tarde (a princípio, ele seria passado apenas no início do Dia), a fim de retomar as informações sobre os Caminhos Participativos, lembrando algumas passadas pela manhã e ajudando a introduzir a questão da tarde.

Caderno de Trabalho (ou “Roteiro para diálogo da pesquisa Juventude Brasileira e Democracia”)

Conforme anteriormente mencionado, trata-se de publicação distribuída aos(às) participantes contendo informações gerais sobre o tema, sobre a metodologia, além da caracterização de cada um dos cenários ou alternativas dadas sobre a questão. Apesar de ter sido pensado – inclusive na sua forma e aparência – para ser mais acessível aos(às) jovens, ele se mostrou de difícil entendimento, principalmente devido à linguagem escrita adotada. Mesmo que o Caderno contivesse um glossário, muitas palavras não foram compreendidas pelos(as) jovens que tiveram dificuldade de assimilar a quantidade de informação disponível. Os problemas com o Caderno foram apontados por todas as equipes regionais, que chamaram a atenção para a sofisticação da linguagem e o excesso de texto e informação escrita, que levou alguns(mas) jovens de Recife a mencionarem que nunca haviam estudado tanto, ainda que o aspecto estético tenha sido bastante valorizado.

É importante indicar que esse Caderno – como todos os outros instrumentos – foi redigido e pensado coletivamente pelas equipes central e regionais. O que foi constatado, no entanto, é que, para servir inteiramente ao que se propõe, ou seja, passar informações para os(as) jovens de forma acessível e descontraída, seria preciso alguns grupos de testes que permitissem fazer alterações no material. Indica-se, portanto, que o tempo de elaboração do Caderno de Trabalho deve ser maior em futuros Diálogos para que haja possibilidade de seu aprimoramento através de testes em grupos de diálogo pilotos e junto a jovens individualmente.

CD-ROM

Produziu-se um instrumento audiovisual para auxiliar na transmissão das informações contidas no Caderno de Trabalho, considerando o alto grau de dificuldade de leitura entre a população brasileira. Nele, lançou-se mão de músicas de diversos gêneros, imagens coloridas, personagens jovens com vozes/sotaques característicos das regiões envolvidas no Diálogo, além de trechos e palavras-chaves presentes no Caderno. A linguagem mais coloquial e o recurso audiovisual ajudaram a chamar a atenção dos(as) participantes, principalmente no início do Dia de Diálogo.

O CD-ROM, de aproximadamente 12 minutos, foi bastante elogiado pelas equipes regionais e cumpriu sua função de tornar a transmissão das informações contidas no Caderno de Trabalho mais acessíveis, estabelecendo, como apontou a equipe de São Paulo, “um patamar mínimo de informação aos(às) jovens e reforçando informações já apresentadas pelo(a) facilitador(a)”. Foi sugerido que fossem feitas interrupções ao longo da exibição do CD-ROM para que os(as) jovens pudessem interagir com o material, através da mediação do(a) facilitador(a), bem como para a introdução de dados locais, o que foi feito por diversas equipes regionais. Várias equipes chamaram a atenção para o fato de alguns(mas) jovens se referirem ao CD-ROM e às informações veiculadas através dele ao longo do Dia de Diálogo o que, mais uma vez, sinaliza a sua eficácia.

O principal problema de tal ferramenta está no fato de depender de equipamento multimídia para sua exibição. No “Guia do(a) Facilitador(a)”, chamou-se a atenção para a necessidade de testar com antecedência tal equipamento, e sugeriu-se criar uma alternativa no caso de algum imprevisto ocorrer. Pelos relatos regionais, parece não ter havido muitos problemas nesse sentido. O maior deles, no entanto, aconteceu na RM de Porto Alegre, que ficou sem luz em um dos Dias de Diálogo, quando a equipe “dramatizou” o conteúdo do CD-ROM com a ajuda dos(as) jovens.

Estandartes (*Banners*)

Os estandartes apresentaram em destaque algumas das informações presentes no Caderno de Trabalho e no CD-ROM, servindo tanto para introduzir o(a) jovem no Diálogo (uma vez que eram vistos logo que chegavam), quanto para ajudar a fixar as informações passadas. Estes foram bastante valorizados pelas equipes regionais, principalmente aquele referente aos compromissos do Diálogo, que ajudou alguns(mas) jovens a evocar as “regras” junto a seus(suas) colegas. Eles contribuíram também para criar, no local do encontro, um ambiente propício ao Diálogo. Os estandartes foram importantes “como recurso de identificação visual, na tentativa de fazer os(as) jovens se sentirem familiarizados(as) com aqueles personagens – presentes em também nos Cadernos e no CD-ROM – que, ao longo do dia, estariam passando as informações para eles”, nas palavras da equipe do Rio de Janeiro.

Fichas Pré e Pós-Diálogo

As fichas Pré e Pós-Diálogo, instrumentos que permitiram medir as variações na adesão aos “Caminhos Participativos” propostos, foram diferenciadas por cores distintas. Nelas, os(as) jovens poderiam mostrar o grau de adesão ou rejeição a cada Caminho, marcando um valor numa escala de 01 a 07, onde 01 representava rejeição total e 07, adesão total. Na segunda delas, em que o(a) jovem poderia dizer em que condições aderiria a determinado Caminho, foram solicitados também dados básicos de seu perfil (sexo, faixa etária, grau de escolaridade e se trabalhava ou não). Apesar de algumas equipes regionais terem apontado que as informações presentes nas fichas eram bastante claras, isso não foi consenso. Outras equipes ressaltaram ter percebido dificuldade entre os(as) jovens quando as preenchiam, destacando a importância de explicar as orientações ao invés de apenas lê-las. Apesar de terem chamado a atenção para o fato de não ser uma prova, não havendo respostas certas ou erradas, muitos(as) jovens tenderam a encará-la dessa maneira. A linguagem, que seguiu o padrão do Caderno de Trabalho (Roteiro para o Diálogo), também pode ter representado uma dificuldade no seu entendimento e preenchimento.

Solicitou-se que os(as) jovens atribuissem pontuação para os três diferentes Caminhos Participativos sugeridos: o **Caminho 1** (*Eu me engajo e tenho uma bandeira de luta*), o **Caminho 2** [*Eu sou voluntário(a) e faço a minha parte*] e o **Caminho 3** (*Eu e meu grupo: nós damos o recado*). Como dito anteriormente, essa avaliação dos Caminhos Participativos ocorreu em dois distintos momentos. O primeiro momento ocorreu após a apresentação aos(às) participantes do CD-ROM e dos Cadernos de Trabalho, que traziam imagens e textos com fundamentação, aspectos positivos e problematizações sobre esses mesmos Caminhos. O segundo momento de pontuação ocorreu ao final do Dia de Diálogo; nesta segunda avaliação, solicitou-se que os(as) jovens escrevessem suas condições de apoio ao Caminho, caso elas existissem.

Como pressuposto metodológico, não se pretendeu que os(as) jovens estabelecessem comparações valorativas entre os Caminhos, mas que avaliassem cada um deles em separado numa escala na qual 01 representaria a mais baixa adesão ao Caminho e 07, a mais alta adesão. Buscaram-se, então, através deste instrumento, dados que permitissem perceber a opinião inicial dos(as) participantes sobre os Caminhos antes da interação provocada pelo Diálogo, que ocorreria durante todo o dia, e a reação destes(as) após o evento, que pôde variar entre a manutenção da pontuação inicial e a mudança, para mais ou menos e com diferentes intensidades, em cada um dos Caminhos sugeridos.

As fichas Pré e Pós-Diálogos são recursos auxiliares que, em conjunto com os dados qualitativos recolhidos durante as sessões de Diálogo, permitiram perceber a influência da interação sobre a manutenção ou mudança de posições relacionadas a formas e conteúdos de

participação social, cultural e política segundo os diferentes perfis dos(as) participantes (escolaridade, gênero, idade e condição frente ao trabalho).

A agregação das notas das fichas Pré e Pós-Diálogo que foram atribuídas por cada um(a) dos(as) participantes permitiu perceber a preferência por determinado Caminho Participativo em cada uma das regiões da pesquisa. A análise desses dados agregados, em conjunto com os dados qualitativos dos grupos de diálogo, contribui para a percepção sobre os valores atribuídos pelos(as) jovens a cada um dos sentidos de participação impressos nos Caminhos sugeridos pela pesquisa. É possível intuir que a nota Pós-Diálogo é atribuída em momento de melhor condição de julgamento, considerando que, ao fim do Dia de Diálogo, os sujeitos experimentaram processo no qual puderam dialogar sobre valores, efetividade dos Caminhos para a realização de mudanças e suas conseqüências pessoais e coletivas.

Partindo da informação que a maioria dos(as) jovens atribuiu notas altas (06 e 07), configurando intervalo de diferenciação valorativa pouco significativo, a ordem numérica das preferências pode ser muito mais reveladora de tendências participativas. As equipes regionais de pesquisa identificaram muitos(as) jovens que reconheceram potencialidades e também problemas nos três Caminhos sugeridos.

Considerando as notas das fichas Pré e Pós-Diálogo, pode-se dizer que os(as) jovens perceberam positividade nos três Caminhos Participativos para a promoção das mudanças desejadas por eles(as) nas áreas da educação, trabalho e cultura/lazer. Ainda que estatisticamente se possa apontar preferências, não é demais insistir em dizer que o “clima cultural” dos grupos de diálogos tendeu ao hibridismo na hora da escolha dos Caminhos. Dessa forma, ao se apontar o caminho melhor pontuado individualmente pelos(as) jovens, não se deve perder de vista que, em verdade, não houve “Caminho vitorioso” nacional ou regionalmente, mas, sim, percursos privilegiados de escolhas ancoradas por determinados valores. Os diálogos ocorridos em torno dos Caminhos Participativos colocaram em jogo razões, valores e intersubjetividades que levaram os(as) jovens a valorizarem determinado Caminho no momento em que foram solicitados(as) a fazê-lo nas fichas Pré e Pós-Diálogo.

Ao estabelecerem – escrevendo nas fichas Pós-Diálogo – condições para o apoio a cada um dos três Caminhos Participativos sugeridos pela pesquisa, os(as) jovens evidenciaram o predomínio de alguns valores que desejam ver impressos à participação.

Foram 911 os(as) jovens que responderam às Fichas Pré e Pós-Diálogo nas regiões onde se realizou a pesquisa.

Considerações finais

O *Diálogo brasileiro*, tendo como tema a participação e como foco a juventude, foi uma rica experiência em que vários aspectos contribuíram para que pudesse ser compreendida como experiência exitosa, considerando seu ineditismo e as dificuldades encontradas ao longo do percurso. Para concluir a presente exposição, serão destacados alguns pontos que concorreram para sua realização, bem como algumas dificuldades encontradas ao longo do caminho.

A Rede

A opção por um trabalho descentralizado, em que a coordenação e a equipe técnica buscaram respeitar as especificidades locais e institucionais, se mostrou muito rica, apesar dos desafios colocados por essa forma de trabalho. A pesquisa foi pensada, desde o início, para ser realizada por uma multiplicidade de parceiros que construíram juntos uma forma coletiva de trabalho. O papel de coordenação foi desempenhado pelo Ibase e pelo Pólis. Os parceiros canadenses CPRN (Redes Canadenses de Pesquisa em Políticas Públicas) e IDRC (Centro de Pesquisas para o Desenvolvimento Internacional) foram responsáveis, respectivamente, pela assessoria técnica – principalmente na metodologia dos Diálogos – e pelo apoio financeiro. Além deles, em cada uma das regiões pesquisadas, uma ou duas instituições ficaram responsáveis por sua supervisão regional e gestão local. A seguir, encontra-se listagem das instituições envolvidas em cada uma das regiões:

Região pesquisada	Instituição(ões) responsável(is)
Porto Alegre	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
São Paulo	Ação Educativa
Rio de Janeiro	Iser/ Assessoria e Universidade Federal Fluminense/ Observatório Jovem do Rio de Janeiro
Belo Horizonte	Universidade Federal de Minas Gerais/ Observatório da Juventude
Distrito Federal	Inesc – Instituto de Estudos Socioeconômicos
Salvador	Cria – Centro de Referência Integral de Adolescentes
Recife	Equip – Escola de Formação Quilombo dos Palmares e Redes e Juventudes
Belém	Unipop – Instituto Universidade Popular

O entrosamento e a interação entre todos os membros da rede, bem como a obtenção de um padrão homogêneo no trabalho realizado de forma descentralizada, foram alcançados através de encontros presenciais e de um Fórum Eletrônico (via internet). Os encontros foram organizados no formato de seminários, ao todo, quatro. Houve um esforço coletivo permanente na construção e manutenção da rede, tanto por parte da coordenação do projeto, quanto das equipes regionais.

Disso resultou a pesquisa planejada centralmente (mas de forma participativa), e executada e gerenciada de modo descentralizado (mas como uma construção conjunta e coletiva), com um importante aprendizado para todas as partes envolvidas. As consultoras do CPRN trabalharam a partir desse mesmo princípio, trazendo sua experiência na metodologia dos Diálogos para um novo espaço de construção, respeitando especificidades locais, do tema e do próprio arranjo organizacional adotado por esta pesquisa.

Foi formado um Conselho Político da Pesquisa, composto por representantes do Ibase, Pólis, IDRC e Secretaria Nacional de Juventude, que acompanhou os principais momentos do estudo, ajudando a pontuar questões estratégicas para o projeto.

Foi a partir desses pressupostos do trabalho em rede que foi possível valorizar e incorporar as especificidades regionais no processo, reconhecendo que foram as experiências locais e a troca entre elas as responsáveis pela criação de um *Diálogo brasileiro*. Como dito na apresentação, buscou-se estabelecer o diálogo não apenas como método, mas, sobretudo, como princípio. E, nesse sentido, a troca permanente entre parceiros(as) (instituições e pessoas) com perfis profissionais tão diversos foi um desafio que valeu a pena enfrentar, pois foram essas diferentes perspectivas que, ao longo do processo, possibilitaram uma visão mais ampla sobre a construção da pesquisa e, ao final dele, puderam revelar a qualidade dos dados conseguidos e suas múltiplas formas de interpretação e possibilidades de apreensão.

O Tema

Pesquisar o tema da participação junto a sujeitos que não possuíam, obrigatoriamente, experiência participativa, mostrou-se como mais um desafio a ser enfrentado desde o início da investigação. A metodologia dos Grupos de Diálogo mostrou-se interessante nesse aspecto, já que, em um certo sentido, o próprio Dia de Diálogo oferecia um espaço propício à participação e adequado à escuta daqueles(as) que não tinham o hábito da fala pública. No entanto, como apontaram algumas equipes, o contraponto dessas vantagens esteve no fato de a participação ter sido apresentada, todo o tempo, como valor positivo. Os materiais produzidos, as questões levantadas, a postura dos(as) facilitadores(as) e a forma de se apresentar as perguntas da pesquisa levavam a crer, nessa perspectiva, que, antes de tudo, participar era bom. Nesse sentido, o fato de não ser colocada a possibilidade da não-participação como Caminho possível pode ser encarado como um viés na investigação.

Por outro lado, há de se lembrar que o que se buscou investigar eram as potencialidades e interdições à participação dos(as) jovens na esfera pública. Desse ponto de vista, a partir dos valores contidos em cada Caminho, poderia ser possível entender quais deles mobilizavam mais ou menos para a participação. E o fato de se ter tido um dia inteiro de trabalho fez com que muitas equipes observassem mesmo a falta de ânimo para a discussão da participação (distante da realidade da maioria), em contraposição às acaloradas discussões sobre trabalho, educação e cultura/lazer, aspecto levado em conta na análise dos dados produzidos nesse processo. Havia, ainda, as fichas Pré e Pós-Diálogo, que também abriam espaço para uma eventual recusa à participação, já que os(as) jovens poderiam ter dado, logo no início, notas muito baixas às alternativas apresentadas. Não tendo sido, no entanto, o que aconteceu.

A dificuldade de compreensão e entendimento do tema não pode ser desconsiderada. Como já apontado, a linguagem sofisticada do material disponibilizado para os(as) jovens pode ter contribuído para esse fato. No entanto, o fato de alguns grupos terem idealizado a solução para os problemas apontados, projetando a responsabilidade do engajamento participativo para outros(as) jovens sem levar em conta a sua própria condição, evidenciou a presença de um(a) “jovem abstrato(a)” que deveria realizar o Caminho idealizado. Os(as) participantes do Diálogo parecem não falar a partir deles(as) e para eles(as), mas para uma outra pessoa, como se os Caminhos fossem algo longe de sua realidade.

Algumas equipes apontaram tal fato indicando que, ao pensar na participação juvenil, e tendo sido feito um esforço por parte dos(as) facilitadores(as) para que os(as) jovens se colocassem nessa posição, o exercício de pensar a participação era feito, não raro, em terceira pessoa, sendo os Caminhos pensados como formas ideais e distantes, e não como possibilidades reais de atuação na realidade. Ainda assim, e como os(as) próprios(as) jovens, em sua grande maioria, demonstraram na avaliação final do Dia de Diálogo, esse exercício de pensar em questões que não se colocam no seu cotidiano pareceu válido e mesmo importante, fazendo com que muitos(as), além de exercitarem escolhas, também se deparassem com possibilidades impensadas.

A Metodologia

Alguns aspectos da metodologia devem ser recuperados nessas considerações finais. Primeiramente, quanto à dinâmica do Dia de Diálogo, os pequenos grupos trabalharam com mais vitalidade, interesse e tranquilidade no período da manhã, talvez pelo fato de que, nessa parte do dia, os(as) jovens falaram, essencialmente, de suas experiências. Sentiam-se, portanto, em condições de contribuir para o Diálogo, aproveitando, também, esse espaço para falar de assuntos (educação, trabalho e cultura/lazer) que, de fato, lhes afetavam profundamente. Uma constatação geral foi sobre a importância dos trabalhos em pequenos grupos, em que, mesmo em regiões onde se constatou um maior monopólio da palavra por poucos(as) jovens, todos(as) tiveram maior

oportunidade de dar suas opiniões e construir propostas coletivamente. Muitas vezes, no entanto, as apresentações dos pequenos grupos em plenária não eram condizentes com o que tinham conversado no grupo. Houve, por vezes, uma tendência a resumir as decisões na hora de apresentá-las, de forma que muitos dos seus significados se perdiam. Além disso, houve casos em que o grupo mudou os itens de sua apresentação às pressas, o que pode explicar algumas incongruências ou falta de consistência nos relatos. Essa constatação revela, uma vez mais, a importância da incorporação de bolsistas no acompanhamento dos pequenos grupos, tendo como responsabilidade a anotação das discussões ocorridas nos pequenos grupos, além auxiliarem na leitura do Caderno de Trabalho e sanarem eventuais dúvidas que surgiam nesses momentos. Sendo os(as) bolsistas em sua grande maioria jovens, houve, ainda, uma maior identificação dos(as) jovens participantes com eles(as), o que certamente ajudou no fato de permanecerem em um momento em que o debate seria apenas entre os(as) jovens. A opção inicial por grupos “auto-facilitados” mostrou-se equivocada, uma vez que a falta de experiência dos(as) jovens nesse tipo de trabalho e a dificuldade de algumas tarefas (especialmente na parte da tarde) contribuíram para um impasse na execução de tais tarefas que nem todos(as) conseguiriam resolver sozinhos(as). A opção pela atuação mais ativa dos(as) bolsistas, tomada após o início dos Grupos de Diálogo, revelou-se mais acertada.

Outro importante aspecto a ser destacado na aplicação da metodologia é o fato de os(as) jovens, de uma maneira geral, terem incorporado a idéia do diálogo como uma situação democrática de escuta e respeito à fala alheia. Nas suas conversas, freqüentemente utilizaram as expressões: *na minha opinião, no meu ponto de vista*, bem como desencadearam processos para que todos os membros do grupo se expressassem.

Houve, em algumas regiões, certa variação na adesão dos princípios, participação nos Grupos de Diálogo e execução das tarefas. Uma delas diz respeito à questão de gênero: algumas regiões, entre elas Belém, Recife, Salvador, Brasília e Porto Alegre, pontuaram o papel de destaque de muitas jovens mulheres ao longo dos Dias de Diálogo, seja nos pequenos grupos, seja nas plenárias. Outra recorrência em várias regiões foi a maior facilidade de trabalho nos GDs formados por jovens entre 18 e 24 anos, ou seja, os Grupos de Diálogo formados por jovens mais velhos(as) tendiam, como explicitaram as regiões de Belém, Recife, Salvador e Belo Horizonte, a entender e executar as tarefas com menos dificuldades. Outro aspecto importante a registrar foi a atuação dos(as) jovens com experiência participativa. No geral, os grupos formados apenas com esses(as) jovens não apresentaram grandes diferenças em relação aos demais. Foi apontado, no entanto, que nos Grupos de Diálogo, em geral, alguns(mas) jovens com experiência anterior exerciam certa liderança – fosse através do monopólio da palavra, fosse ajudando na condução dos trabalhos, chamando outros(as) jovens para expressarem seus pontos de vista.

Um ponto a ser também resgatado é o do papel do(a) facilitador(a). Desde o princípio, houve muitas dúvidas por parte de toda a equipe sobre os limites de conduzir uma dinâmica tão

complexa, buscando minimizar as influências sobre os(as) jovens, sobretudo na valorização de um Caminho em detrimento dos demais. Em determinados momentos do Diálogo [encontrar semelhanças e diferenças e problematizar a escolha dos(as) jovens], a tarefa de facilitação mostrou-se especialmente delicada, fazendo com que as pessoas à frente desse processo tivessem que encontrar, na prática, o limite tênue entre facilitar o diálogo entre os(as) jovens (cuidando para que a tarefa não levasse muito mais tempo do que o previsto) e impor o que achava mais relevante ou pertinente. Nota-se, no entanto, que apesar de se reconhecer que uma situação como a aqui descrita nos Dias de Diálogo é por si só indutora (e, no limite, toda situação de pesquisa significa uma alteração da realidade pesquisada), a preocupação constante observada em todas as regiões, de não induzir os(as) jovens no processo de Diálogo, pareceu ter tido sucesso. Prova disso é que, em muitas delas, houve certa resistência ao Caminho 2 (voluntariado) por partes das equipes e, ainda assim, ele e os valores nele contidos, foram acionados recorrentemente pelos(as) jovens, apresentando-se muitas vezes como Caminho mais escolhido.

Constata-se a importância do papel do(a) facilitador(a) na construção do Diálogo e também de sua formação no processo de construção da pesquisa, em que é necessário se chamar a atenção para sua responsabilidade enquanto pesquisador(a). Como experiência nova para as equipes regionais [e, nesse sentido, tanto para os(as) professores(as) acadêmicos(as), quanto para educadores(as) populares], a metodologia parece ter criado para o(a) “pesquisador(a)” uma possibilidade de apropriação não somente de uma técnica de coleta de dados, mas da metodologia como parte da construção da própria questão da pesquisa e do processo de sua compreensão, tornando possível uma reconstrução da relação pesquisador(a)-pesquisado(a). O exercício feito a partir dos Grupos de Diálogo foi importante também por colocar o(a) adulto(a) na prática da escuta do(a) jovem, não apenas na dimensão da conscientização do valor da escuta do outro, mas também na execução da metodologia, que exigiu uma vigilância constante, tarefa ainda mais desafiadora quando se tratam de facilitadores(as) professores(as) e educadores(as) [caso da grande maioria dos(as) profissionais envolvidos(as)].

Quanto à adaptação da metodologia dos Grupos de Diálogo à realidade brasileira, percebemos que, para os(as) jovens, um dia intensivo de conversa e de aprendizado – quando emitiram opiniões e colocaram-nas em diálogo com as opiniões dos(as) outros(as) – possibilitou a produção de um deslocamento do eixo da reflexão, do âmbito privado ao público, criando oportunidade para a expressão de uma análise crítica e para a valorização da ação coletiva, colocando-se como sujeitos da reflexão e da ação. Outra perspectiva da metodologia que merece destaque é seus potenciais formativo e informativo. Os encontros foram oportunidades, muitas vezes únicas, dos(as) participantes obterem informações sobre os temas propostos, de provocar seu posicionamento e colocar em questão princípios baseados em sentidos comuns.

Assim, a pesquisa foi exitosa em ampliar a própria compreensão do que seja política entre os(as) jovens e, a partir disso, abriu espaço para que eles(as) pudessem reconhecer suas próprias

trajetórias de participação. Nesse sentido, o Caderno de Trabalho e o CD-ROM, associados à facilitação, foram instrumentos eficientes para dar visibilidade às diversas formas de participação política existentes e, a partir disso, mapear o conhecimento e a experiência prévia dos(as) jovens nesse âmbito.

Finalmente, um importante mérito dessa experiência com a metodologia foi ter colocado os(as) jovens em situação de diálogo, ou seja, dar a possibilidade de acesso a um espaço de discussão, escuta, expressão das diferentes opiniões e troca de experiências. Para grande parte dos(as) 913 jovens participantes foi, sem dúvida, uma experiência inédita, à qual deram muito valor. Ter conseguido identificar o desejo de muitos(as) jovens de fazer parte de espaços como os abertos através do Diálogo foi, sem dúvida, um resultado positivo da pesquisa.

Bibliografia

- CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel; OLIVEIRA, Elizabete de. *Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Relatório Final da Região Metropolitana de São Paulo, 2005.
- COSTA, Ozanira Ferreira; FIGUEIREDO, Karina; RIBEIRO, Perla. *Relatório Sintético dos Grupos de Diálogos*. Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas. Região Metropolitana de Brasília, 2005.
- DAYRELL, Juarez; GOMES, Nima Lino; LEÃO, Geraldo. *Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Relatório dos Grupos de Diálogo da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2005.
- DE TOMMASI, Livia; BRANDÃO, Marcílio. *Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Região Metropolitana do Recife, 2005.
- IBASE & PÓLIS. *Que Brasil queremos? como chegar lá? – Roteiro para o diálogo da pesquisa Juventude Brasileira e Democracia*. Rio de Janeiro: IBASE, 2005.
- FISCHER, Nilton Bueno; GIL, Carmem Zeli Vargas, RAMOS; Nara Vieira; STECANELA, Nilda; SALVA, Sueli. *Relatório qualitativo – Grupos de Diálogo da Região Metropolitana de Porto Alegre*. Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas, 2005.
- MACKINNON, Mary Pat; MAXWELL, Judith; ROSELL, Steven; e SAXENA, Nandini. *Citizen's Dialogue on Canada's Future: a 21st Century Social Contract*. Canadian Policy Research Networks, Viewpoint Learning Inc., 2003.
- OLIVEIRA, Júlia Ribeiro de; SILVA, Ana Paula Carvalho; COLAÇO, Fernanda. *Relatório parcial dos Grupos de Diálogo da Região Metropolitana de Salvador*. Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas, 2005.
- RODRIGUES, Solange; AGUIAR, Alexandre; CUNHA, Marilena. *Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Relatório Síntese da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, 2005.
- SILVA, Lúcia Isabel da Conceição; VIANA, Rosely Risuenho; SILVA, Francisca Guimar Cruz. *Relatório final da Região Metropolitana de Belém*. Pesquisa Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas, 2005.

Rede parceira: Ação Educativa, Centro de Referência Integral de Adolescentes, Escola de Formação Quilombo dos Palmares, Instituto de Estudos Socioeconômicos, Instituto Universidade Popular, Iser Assessoria, Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais, Observatório Jovem do Rio de Janeiro da Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Coordenação

iBetinho
Base



PÓLIS
INSTITUTO DE ESTUDOS,
FORMAÇÃO E ACESSORIA
EM POLÍTICAS SOCIAIS

Apoio

10th Anniversary **CPRN** 2005 **RCRPP**
Fresh Ideas for Canada's Future

IDRC  **CRDI**